

# Uma mulher que já comandou 400 homens na guerra

• Mamã Muanunu já foi mobilizadora, guerrilheira, dirigente de infantário e coordenadora do transporte de material de guerra

Se há pessoas que nasceram para dirigir, aquele tipo de pessoas sobre as quais se diz que reúnem qualidades natas para o comando, uma dessas pessoas é, certamente, a mamã Muanunu, tal como foi carinhosamente baptizada nos trilhos da guerrilha, em Cabo Delgado, Abiba Muanunu, de seu nome completo, é uma mulher já idosa, de expressão afável, mas simultaneamente enérgica. Guerrilheira da primeira hora (de 64), é muito agradável conversar com ela, sobretudo devido à forma como relata os episódios que viveu durante a guerra, quase revivendo-os ali mesmo. Entre as inúmeras tarefas que desempenhou nesse tempo contam-se as de comandante de uma base de guerrilha com cerca de 400 homens, de responsável de um infantário e de coordenação do transporte de material, além de mobilização da população para a luta armada.

O nosso encontro com ela foi organizado pela Sede do Partido em Mueda. Era grande a nossa curiosidade em conhecê-la, porque tinham-nos falado dela em Macomia e no próprio planalto de Mueda. Haviam-na descrito como «a mulher que libertou N'Gapa», um antigo distrito da guerrilha a nordeste de Mueda, onde, segundo também nos disseram, ela é quase uma figura algo lendária.

Ela compareceu um quarto de hora antes da hora estabelecida e esperou até chegarmos. Perante o nosso embaraço, ela sossegou-nos, tinha chegado cedo de propósito, porque estava livre naquele intervalo e pretendia descansar, sentada, porque daí a uma hora iria iniciar um trabalho que a absorveria por todo o dia.

## IMAGEM DE UMA GUERRILHEIRA

Ela expressa-me em Kimaconde (língua nacional de Mueda e de muitas partes de Cabo Delgado). Daí o nosso desapontamento, pois o recurso ao intérprete não traduz com fidelidade todas as palavras de um diálogo. E pode permitir até a deturpação de algumas ideias ou mesmo factos. Mas... paciência!

— Entrei na FRELIMO em 1964, fui uma das pessoas que distribuíam cartões de membro, que nós aqui chamávamos «Nkadl». Eu estava estabelecida em N'Gapa, zona onde nasci e desenvolvi o trabalho de mobilização da população e distribuição de cartões nas regiões de Lipanganga, Matiu e Nambungale — estas as primeiras palavras da mamã Muanunu.

O peso da idade, ou talvez da dureza da intensa vida de guerrilheira, é visível no seu já levemente enrugado rosto. Mas a vitalidade dos movimentos, o olhar enérgico e penetrante com que nos fixa, a rapidez de reflexos e a profundidade do raciocínio que as suas respostas denotam e parecem perpetuar a sua força de carácter e a juventude com que nas décadas de 60 e 70, ora percorreava quilómetros e quilómetros de floresta, ora galgava montanhas, de arma à tiracolo, em busca da liberdade.

— Mas nós queremos saber desde o começo. Como é que entrou para a FRELIMO? — interrompemo-la.

— Isso é difícil de expli-

car. Naquele tempo, tal como sucedia com muita gente, eu andava entusiasmada com a independência da Tanzânia, porque via nisso o fim do trabalho compulsivo nas machambas de algodão e de todos os sofrimentos da dominação estrangeira no nosso País. Então, quando ouvi que em Moçambique havia pessoas que estavam a organizar-se para lutar pela independência, aderí logo a essas ideias e eu própria andei à procura dessas pessoas.

A procura não durou muito tempo. Numa zona chamada Chipingo, em N'Gapa, Abiba Muanunu encontra um «branch» (uma espécie de base), onde viviam os primeiros guerrilheiros da FRELIMO. Contactou com o seu chefe, de nome Luís Namonga e foi recebida, como membro da FRELIMO, sendo-lhe confiada a tarefa de regressar a sua casa, a fim de mobilizar outros membros, entre homens e mulheres para a causa da libertação nacional.

## TÉCNICA DE RECRUTAMENTO DE MULHERES

Como procedia no seu trabalho de mobilização, para recrutamento de novos membros para a FRELIMO, foi a questão que pusemos à mamã Muanunu. Sorrindo, ela respondeu sem hesitação:

— O princípio era conversar com as pessoas, criar amizade com elas. Portanto, escolhia uma determinada pessoa, metia conversa com ela e estudava-a. Se visse que é consciente, falava-lhe da FRELIMO e, caso mostrasse entusiasmo, então propunha-lhe que fosse membro. Se aceitasse, dava-lhe o cartão e instruções que devia seguir, ele pagava 20 escudos pelo cartão...

— Mas como se certificava de que aquela era a pessoa indicada para a abordagem e se a pessoa recusasse, não haveria perigo para o mobilizador? — a esta pergunta ela responde:

— No início era necessário estudar bem a pessoa que se pretendia contactar e depois conversar primeiro com ela normalmente, ver os seus sentimentos, a sua interpretação da realidade. Depois abordar aos poucos a situação que se vivia, mas sem me comprometer e conforme a sua reacção então falava-lhe abertamente da

dominação colonial, ou não chegava a fazê-lo. Isto é, em caso de verificar que a pessoa era renitente, eu dizia: «Mas não sei se esta gente que quer lutar contra os brancos há-de conseguir. Eles são fortes, têm muitas armas, quem pode derrubá-los?» Se a pessoa respondesse que, de facto, ninguém pode derrotá-los, eu via que essa pessoa está do lado deles e suspendia a mobilização.

## TAREFAS DE DIRECÇÃO

Decorridos dois anos Abiba Muanunu deixou a tarefa de mobilização para assumir as funções de responsá-



«O princípio era falar com as pessoas, estudá-las e depois falar-lhes da FRELIMO», disse Abiba Muanunu

vel de um «branch» que albergava novos guerrilheiros, numa zona denominada Namacuco.

— Como responsável desse «branch» — explica-nos — competia-me organizar os guerrilheiros para guarnecer a zona, impedindo ataques do inimigo à população, organizar a instrução militar de todos os guerrilheiros que viviam na base e mobilizar e esclarecer a população acerca dos objectivos da luta. Na base havia cerca de 400 homens, havia instrutores que os treinavam, eu como responsável apenas coordenava esse trabalho.

Nesta tarefa permaneceu cinco anos, sendo mudada em 1969, quando surgiu «a confusão provocada por Lázaro Kavandame», conforme ela própria nos explica.

— A direcção achou que eu devia ser mudada, a fim de evitar que fosse mobilizada e ganha pelo grupo dos confusos. Fui enviada para o distrito de N'Gapa (nessa altura da guerra era distrito, segundo a divisão

administrativa da FRELIMO). Aí passei a ser responsável distrital da OMM e responsável do infantário, tarefas que desempenhei durante quatro anos. Mais tarde, fui a Dar-es-Salaam assistir ao funeral da camarada Josina Machel e no meu regresso o infantário foi transferido para Nangade — prossegue Abiba Muanunu.

Ela própria também foi transferida de N'Gapa para Muidumbe, a fim de assumir a responsabilidade de secretária-adjunto provincial da OMM até à derrota do colonialismo, em 1974, altura em que foi enviada a Nachigwea, onde após um foi integrada no Destacamento Feminino.

Regressada de Nachigwea continuou em Muidumbe, desempenhando tarefas na OMM e no Destacamento Feminino até à proclamação da independência nacional.

Ja conversa com a mamã Muanunu. Mas, pedimos-lhe para nos dar algo de mais pessoal, algum episódio da guerra que a tenha impressionado mais.

— Bem, há muitas coisas da guerra para contar, é difícil escolher. Mas o que me ficou mais gravado foram os bombardeamentos da tropa portuguesa às nossas bases. Um dia, em 1969, era então responsável do infantário em N'Gapa, vieram helicópteros e aviões do inimigo e começaram a bombardear toda a zona. Foi uma coisa terrível porque tratava-se de um lugar onde havia muitas crianças. Para salvá-las, tivemos que tirá-las do infantário para o mato, debaixo de uma chuva de bombas e metralha de helicópteros. Tivemos que ganhar muita coragem e eu como responsável devia dar o exemplo, fui das pessoas que retirei mais crianças, nem sei como sobrevivi. Naquelas condições, não era só fugir, era necessário levar crianças, alguma comida e panelas, por forma a que lá nos abrigos as crianças pudessem continuar a comer.

Ao princípio éramos apanhados de surpresa, mas depois começámos a estudar a tática do inimigo. Antes de atacar, apareciam aviões de reconhecimento. Então logo, dávamos de comer às crianças e levávamo-las para os esconderijos no mato, juntamente com utensílios, roupas e alguma comida. Depois ficavam algumas no infantário como crianças de colo, assim quando os aviões de bombardeamento chegavam era mais fácil fugirmos.

Mamã Muanunu contou ainda outros episódios. Um deles relaciona-se com a difícil missão de transporte de material e comida para os guerrilheiros.

— Quando éramos atacados pelo inimigo ou caíssemos numa emboscada, devíamos fazer tudo por tudo para salvar o material de guerra, a fim de garantir o prosseguimento da luta. Por isso, era muito raio perder-se material de guerra, mesmo que estivessemos horas debaixo de intenso fogo inimigo. Se algum camarada caía, dividíamos a sua carga e prosseguíamos a marcha.

Sem dúvida que mamã Muanunu consagrou grande parte da sua vida à luta pela Pátria. Hoje, já praticamente cinquentenária — ela não conhece ao certo a sua idade — qual é a sua outra vida?

— Eu sou casada, meu marido é também combatente. Hoje, já só trabalha no campo, temos dois filhos e quatro netos — é assim que esta mulher extraordinária resume a sua vida familiar.

## RECORDAÇÕES DA GUERRA

Tínhamos chegado ao fim